

CIBELLE BRITO
cibelle.brito@oglobo.com.br

Encoberta por uma vegetação densa, a estreita faixa de areia branca surge em meio à Mata Atlântica na Avenida Estrada da Guanabara, em Grumari. Naquele trecho da via, de paralelepípedos, dois homens munidos de uma câmera digital tentam, do alto, fotografar banhistas muito à vontade, que curtem a sensação térmica de 50 graus do verão carioca sem biquíni, maiô ou calção de banho.

A Praia do Abricó ainda desperta curiosidade, mesmo sendo (e até por ser) o reduto oficial dos naturistas há 20 verões. Nos seus poucos mais de 250 metros quadrados, todos os sábados, domingos e feriados — com sol e condições favoráveis da maré —, a Associação Naturista de Abricó (ANAbricó) bate ponto e garante que qualquer banhista fique nu sem sofrer constrangimento por parte de outras pessoas ou do poder público. Em tempos de discussão sobre o direito de fazer topless em qualquer praia, ali ninguém usa roupa. Nos dias de semana, porém, o cenário é outro: pessoas em trajes de banho também são vistas naquele trecho de areia.

O professor de Educação Artística Pedro Ribeiro, fundador e presidente da associação, afirma que a frequência é de 150 a 200 pessoas nos fins de semana do verão.

— Oficialmente, temos 757 cadastrados, mas somente 60 pagam a taxa que cobramos rigorosamente, todos os meses. É sempre a mesma história: chega o verão, as pessoas ficam animadas e querem descobrir o naturismo. Elas vêm umas duas, três vezes, se apaixonam, dizem que vão voltar para sempre e se inscrevem na associação. Mas depois costuma passar esta animação e a maioria não volta mais — diz.

Muito bronzada, a alemã radicada no Brasil Beate Flunker foi a mais receptiva com a equipe do GLOBO-Barra, que visitou o Abricó numa tarde de sexta-feira.

Frequentadora da praia há mais de dez anos, a professora universitária contou com entusiasmo sobre as últimas férias, passadas em Tambaba — praia naturista na Parafba — ao lado do marido, Marcelo Neumann. O filho caçula de Beate curtia o dia de folga com ela. Mas de sunga.

— Como hoje ele não é obrigado a ficar pelado, deixo vir como quiser. Não me importa a praia mista, mas é preciso respeito. Fico incomodada é com as brincadeiras. Só estamos sem roupa, o que há de errado nisso? Não entendo esta lógica brasileira, segundo a qual as pessoas podem se exibir no carnaval, mas não aqui. É hipocrisia — diz Beate.

A ambulante Érica Menezes trabalha no Abricó, como veio ao mundo, há três anos. O convite para fixar um ponto no local veio da associação. Numa barraca recuada e próxima ao paredão natural que separa a praia do restante de Grumari, ela e o marido vendem bebidas e sanduíches naturais para os banhistas. Érica se considera a voz dos naturistas de segunda a sexta-feira, quando não costuma haver membros da organização no local. Seu papel, diz, é explicar aos novos frequentadores a rotina.

— As pessoas ficam apreensivas, não sabem o que encontrarão aqui, e eu mostro como este ambiente é familiar e de respeito. Se não fosse, eu não traria os meus filhos para cá — observa, ressaltando o que considera o melhor aspecto da praia. — Aqui não tem essa bobagem de culto à beleza, de ser gordo ou magro. Sou o que sou, sem neura.

O presidente da associação acredita que a baixa frequência de mulheres solteiras no Abricó é influenciada pela preocupação delas com a ditadura da beleza:

— Apesar de ser uma praia com muitos jovens, algo incomum em outros recantos naturistas, a maioria é de homens. Mulher tem sempre a preocupação de não estar com o corpo legal, o que sequer cabe numa praia de naturismo. ●

Continua até a página 27



Divisão. Barreiras naturais, pedras dividem Abricó e Grumari. Mas, durante a semana, banhistas nus e vestidos se misturam

